

João Abel de Freitas

João Abel de Freitas nasceu na freguesia de Santa Luzia, no Funchal, no dia 27 de Maio de 1893. Após ter concluído o ensino secundário no Liceu do Funchal, formou-se na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, com a tese "A Relação entre o peso do recém-nascido e o peso da placenta na gravidez normal e em caso de sífilis", especializando-se em Urologia, pela Escola Médica de Paris. Regressou então à sua Madeira, onde desempenhou a sua actividade profissional. Em 1927 foi nomeado director do Serviço de Cirurgia do Hospital da Santa Casa da Misericórdia do Funchal.

A par do exercício da medicina, João Abel de Freitas desenvolveu também uma profícua actividade política. Durante a 1ª República, foi Administrador do Concelho do Porto Moniz, em 1921, Administrador do Concelho do Funchal e Comissário de Polícia da Madeira, em 1922.

Com o advento da Ditadura, foi nomeado, em 1928, Governador Civil Substituto do Distrito do Funchal. Em 1935, já depois da chegada de Salazar à presidência do Conselho de Ministros e da institucionalização do Estado Novo, é nomeado presidente da Comissão Executiva da Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal e em 1936 presidente da Junta Autónoma dos Portos do Arquipélago. Neste mesmo ano é também nomeado presidente da Delegação de Turismo da Madeira. Em 1940 é eleito procurador à Junta Geral, sendo reconduzido neste cargo por vários anos. Em 1944 é colocado à frente dos destinos da Comissão Administrativa dos Aproveitamentos Hidráulicos e Eléctricos da Madeira. Acumulou ainda estes cargos com o de presidente da comissão distrital da União Nacional.

Apesar da sua intensa actividade profissional, como médico, e política, ainda teve tempo para desempenhar cargos de responsabilidade civil em várias instituições

Emanuel Janes

A sua acção foi especialmente notória na presidência da Junta Geral, tendo conseguido obter vários benefícios para a sua terra. Neste âmbito conseguiu realizar grandes obras e melhoramentos como sejam: abertura da entrada da cidade, extensão da Avenida de Zarco até à rua da Carreira, construção dos edifícios dos Correios e do Banco de Portugal, melhoramentos no edifício da Junta Geral, construção do Liceu de Jaime Moniz, alargamento da ponte Monumental (Ribeiro Seco) e outras ruas e caminhos da cidade, construção e reparação da rede viária à volta da ilha. Face à sua amizade com Salazar conseguiu reaver os 2000 contos pertencentes à Junta Autónoma dos Portos, levantados aquando da Revolta da Madeira de 1931, conseguindo vários empré-

Foto: Museu "Vicentes"



mos que foram aplicados em obras para o desenvolvimento da Madeira; a formação de colónias madeirenses em Angola com auxílio financeiro aos colonos, a cedência à Junta Geral de edifícios que pertenciam ao Estado, localizados no Lugar de Baixo e na Lombada, Ponta do Sol, para novas escolas, reorganização e instalação da Polícia de Segurança Pública, etc. Como presidente da Comissão Administrativa dos Aproveitamentos Hidráulicos da Madeira, procedeu ao estudo completo dos recursos hídricos da Madeira. Como presidente da Delegação de Turismo da Madeira deu um grande impulso no desenvolvimento desta indústria, gizando já os contornos daquilo que viria a ser o sector de ponta do desenvolvimento da Madeira. Apesar da sua intensa actividade profissional e política, ainda teve tempo para se dedicar a outras actividades públicas, desempenhando cargos de responsabilidade também nesta área. Foi o primeiro presidente da Sociedade de Concertos da Madeira, sócio honorário do Club Desportivo Nacional, irmão benemérito da Santa Casa da Misericórdia e sócio da delegação da Sociedade Histórica da Madeira; pertenceu também ao grupo médico da Cruz Vermelha e da Legião Portuguesa. Foi ainda presidente da Associação de Assistência aos Indigentes e da Associação Protectora dos Pobres (sopa económica). O último cargo político que desempenhou foi o de Governador Civil do Distrito, desde Fevereiro de 1947. Numa altura em que muito se esperava da sua governação, visto ser um homem bastante conhecedor

dos problemas da Madeira, faleceu no Palácio de S. Lourenço a 10 de Setembro de 1948.

O Dr. João Abel de Freitas era visto pelos seus contemporâneos como um dos vultos de maior prestígio da vida social da Madeira, como homem de larga visão; como escrevia o Diário de Notícias, do Funchal, por ocasião da sua morte, era um homem "absolutamente integrado nos princípios e na política de Salazar, era uma das figuras mais representativas da política e da obra da Revolução Nacional".

Após a sua morte e por subscrição pública, em homenagem aos relevantes serviços prestados à sua terra, foi-lhe levantado um busto em bronze, da autoria do escultor Leopoldo de Almeida, no jardim a norte do Palácio de S. Lourenço, que ainda hoje se mantém apesar das nuances políticas dos novos tempos. Foi ainda atribuído o seu nome à estrada que se inicia no fim da Rua 31 de Janeiro e termina na Estrada Comandante Camacho de Freitas, em S. Roque, no Funchal, além de outras em vários concelhos da Madeira.

Para além de tudo isto, o Dr. João Abel de Freitas é hoje recordado pela célebre troca de correspondência com Salazar, em 1935, a propósito da situação económico-social da Madeira.

Em 1925 António Oliveira Salazar e Mário de Figueiredo vieram à Madeira proferir conferências, a convite do Centro Católico do Funchal, dirigido pelo Dr. Juvenal de Araújo. Num dos passeios à volta da Ilha, Mário de Figueiredo tem uma queda e fractura uma perna. O

Um Pau Ano VI

RE-ARMA-NO

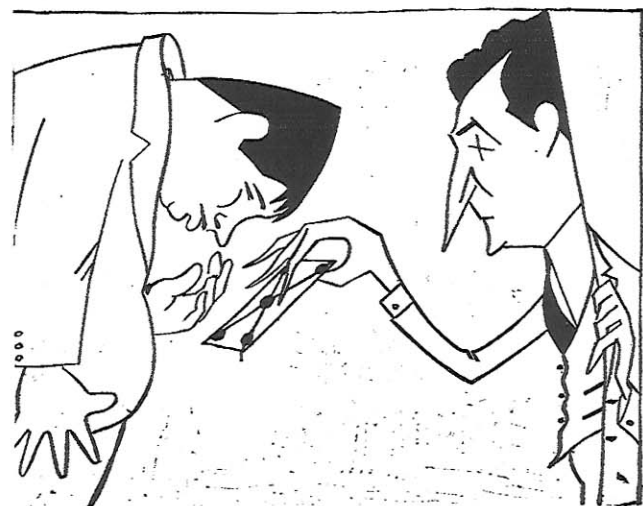
Director de: **Gonsalves Preto**
João Miguel

Funchal, 6 de Junho de 1935

Editor e proprietário—**João Miguel**
Red. Adm.—Rua do Emeraldal n.º 28-1.
Comp. e impressão—Rua do Comercio, 42

Trimensário humorístico

Uma carta de Salazar



**João Abel:—Dá-me, Senhor Salazar, alguma coisa...
—Aqui tens «João» um balsamo para as tuas dores. Quando prometo, cumprio.**

Des. de Ivo—Grav. do Malho

Foi presidente
da Delegação
de Turismo da
Madeira

Dr. João Abel de Freitas é chamado juntamente com o Dr. Antonino Costa para colocar um aparelho provisório de fractura na perna do sinistrado. Começou aqui uma amizade com Salazar, ao ponto deste lhe sugerir que se alguma vez necessitasse da sua ajuda não hesitasse e lhe escrevesse "duas linhas para Coimbra". É neste contexto que surge a tão falada "Carta de Sala-

Jardim Oriental
FLORISTA
Irene Gomes Castro
Galerias Jardim d'Ajuda II — Loja AA
Estrada Monumental 9000 — 100 Funchal
E-mail: jardim.oriental@netmadeira.com
Telef.: 291 772 443 Telem.: 966 249 410

Uma Ilha...
O Mar...
Um Barco...
Um Sonho!

Marina do Funchal
Telf. 291 238 536 / 291 224 390
Fax: 291 235 735

COSTA DO SOL LDBL

zar" a João Abel de Freitas.

Decorria o ano de 1935 e a crise económica mundial fazia-se sentir também na Madeira, causando nomeadamente a falência do Banco Henrique Figueira, levando à miséria milhares de famílias. O Dr. João Abel de Freitas, então presidente de Junta Geral do Distrito, decide usar de todos os meios para acudir às dificuldades do momento e resolve escrever ao Presidente do Conselho, valendo-se da amizade pessoal que com ele estabelecera alguns anos antes, pedindo ajuda e solução para os vários problemas da Madeira. Era a questão dos vinhos, do açúcar, dos bordados, do turismo, dos lanifícios, da assistência, etc. Tinham sucedido, entretanto, os acontecimentos conhecidos como a "Revolta da Madeira de 1931" e Salazar mudara de opinião sobre os ilhéus, fazendo-os pagar por todas as despesas daí resultantes, quase abandonando os madeirenses como castigo pela Revolução.

Nesta carta o Dr. João Abel de Freitas expõe os problemas da Madeira de forma quase dramática. Em resposta Salazar analisa todos os problemas expostos pelo Presidente da Junta Geral, esclarecendo que está atento a eles. Reporta-se à sua estadia na Madeira em 1925, explicando que nessas duas semanas além de apreciar as belezas da ilha também teve tempo para conhecer a mentalidade do madeirense, o que lhe permitia compreender melhor as reclamações que vinham da Madeira e "não perder a serenidade ou a paciência diante de tudo o que (...) daí vem (...). Já tenho experiência do Governo suficiente para não me irritar ou sequer para me importar além de certa medida com o que se diz aí da acção do Governo". Explica depois que nenhum Governo fizera tanto pela Madeira como o seu e no entanto "todos em comovedora unanimidade, assentaram ou estão



A sua acção foi
especialmente
notória na
presidência da
Junta Geral, tendo
conseguido obter
vários benefícios
para a sua terra

assentando em que a Madeira é uma filha enjeitada. (...) E porque compreendo, é que a Madeira continuará sendo tratada como terra privilegiada e com paciência". Em relação à Autonomia tem um raciocínio curioso: "Todos os partidários da autonomia supuseram que esta consistia simplesmente na liberdade de gastar, dando o Poder Central quanto fosse necessário para isso". E explica pacientemente: "A autonomia não é a autonomia de gastar, mas a de administrar um património ou uma receita, tirando de um ou de outra o maior rendimento. (...) O entusiasmo das grandes realizações desvairou a muitos, e se o Governo não se mete a providenciar e a dirigir superiormente, travando o des-temperado espírito de grandezas da nossa gente, a falência seria teme-

rosa". Analisadas, ponto por ponto, as questões colocadas pelo Dr. João Abel de Freitas sobre os problemas da Madeira, e depois de se congratular e agradecer o facto de a Junta ter à sua frente um homem como o Dr. João Abel de Freitas, considera a Madeira "encantadora e infinitamente ingrata" e diz formar ideia exacta das dificuldades existentes, "mas essas feridas curam-se se o espírito está são. Se não está há-de ser muito difícil". Agradece uma vez mais ao amigo o sacrifício que está a fazer, na presidência da Junta Geral, considerando que a Madeira o merece "até pela sua doença de espírito", que a leva a pedir "aquilo que não pode ter".

O mais curioso é que esta carta é de facto um ultraje à Madeira como hoje é reconhecido por toda a gente. No entanto ela foi transcrita em todos os jornais madeirenses de então como um documento deveras importante para a economia do Arquipélago e como a tradução da esperança em dias melhores. O Diário de Notícias do Funchal, de 8 de Junho de 1935, teve até a ousadia de considerar que a carta representava muito no campo das aspirações madeirenses e enfiando o barrete acrescentava: "cansados, talvez, de pedirmos, durante dezenas de anos, caímos no exagero de pedir de mais. E numa época de crise geral, de dificuldades mundiais, de realizações práticas, há que arrepiar caminho. Há que encarar inteligentemente e profundamente os problemas para pôr-se, com exactidão, a verdade das soluções que comporta". O então Governador Civil do Distrito, o Comandante Goulart de Medeiros, numa visita à Ponta do Sol, a 12 de Junho de 1935, corroborava esta ideia e salientava o significado honroso daquele documento, o qual, nas suas palavras, "vinha demonstrar, insofismavelmente que o Dr. Salazar tinha os olhos postos na Madeira, esperando-se que a partir de agora da acção do Governo Central resultasse para a Madeira grandes benefícios e vantagens". A carta foi assim entendida, não como uma razão de desânimo, mas sim como um motivo de encorajamento. Foi necessário esperar pelo 25 de Abril de 1974 para que a Madeira pudesse caminhar sozinha para o seu desenvolvimento. ☉